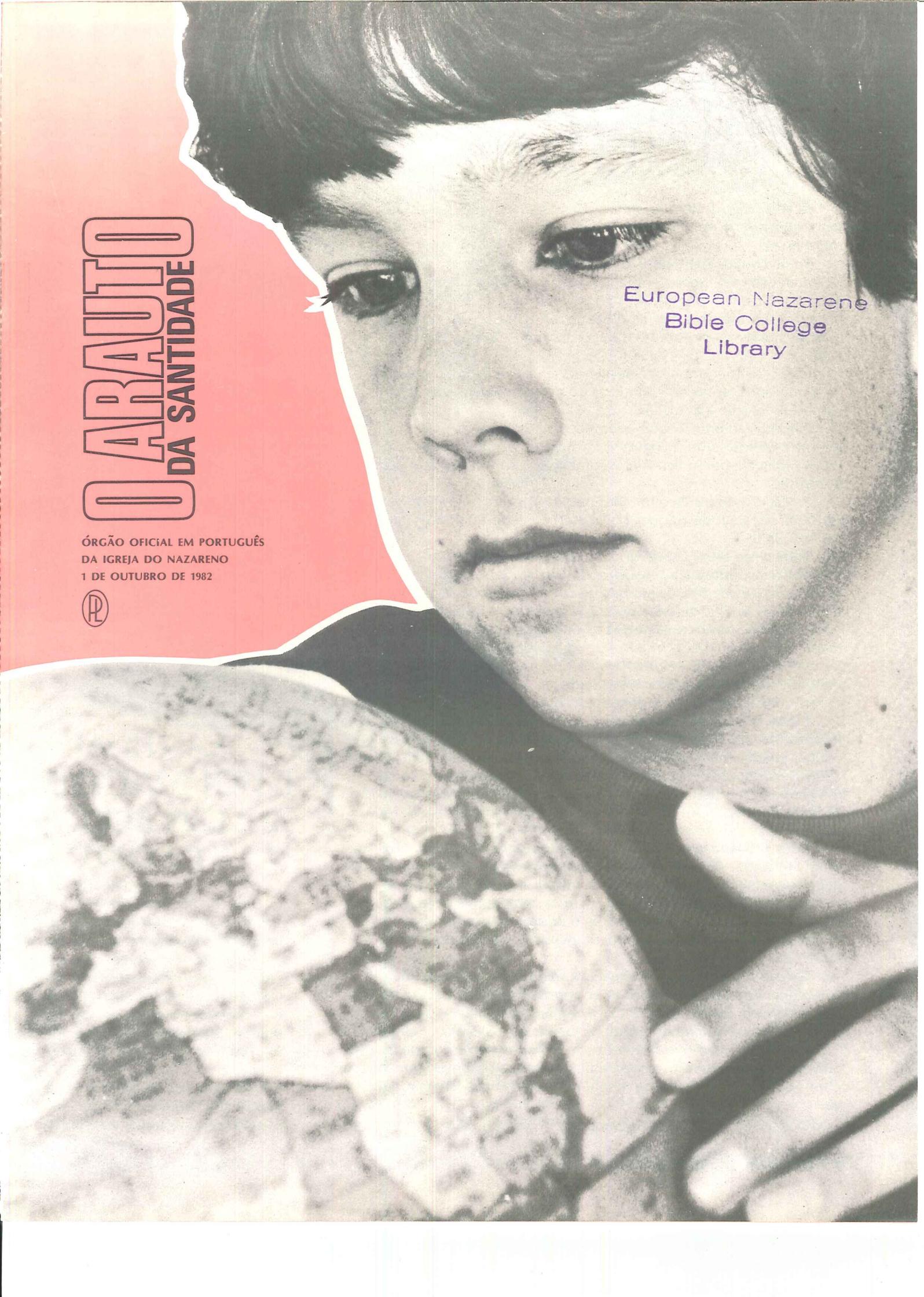


O ARAUTO DA SANTIDADE

ÓRGÃO OFICIAL EM PORTUGUÊS
DA IGREJA DO NAZARENO
1 DE OUTUBRO DE 1982



European Nazarene
Bible College
Library



SIMPATIA

O verso é considerado o mais curto das Escrituras. Mas é dos mais intensos e vem carregado de emoção: "Jesus chorou" (João 11:35).

Somos quase apanhados de surpresa. Há sempre um não sei quê nervoso, um quase embaraço, quando um homem chora diante de nós. Uns pretendem não ver; outros acodem logo com frases gastas, mais ou menos deste teor: "Que é isso? Um homem a chorar?" "Os homens nunca choram!" "Vamos, pára com isso!"

Os homens choram sim. Longe de ser um sinal de fraqueza, o choro traduz tanta vez a grandeza do nosso envolvimento emocional em relação a outro ser.

Foi exactamente o que aconteceu na altura em que Jesus chorou publicamente. Achava-Se Ele junto à sepultura dum amigo. A Bíblia diz que o Senhor Se comoveu vendo as lágrimas dos presentes.

A reacção do público foi diferente da dos que hoje vêem nas lágrimas um sinal de fraqueza. Disseram: "Vêde quanto o amava!" (11:36).

Toda a teologia da Sua vinda ao mundo está encerrada neste reconhecimento da intensidade do Seu amor. É um amor que se deixa envolver todo; que não se retrai diante de estranhos; que não se oculta quando desaba a tragédia. Ali, diante dum povo, Jesus descortinava a beleza do Seu apego total à pessoa humana.

Vê-se hoje na Sua simpatia mais que um sinónimo de amabilidade social, mas a Sua capacidade de Se identificar plenamente conosco em todas as crises da existência.

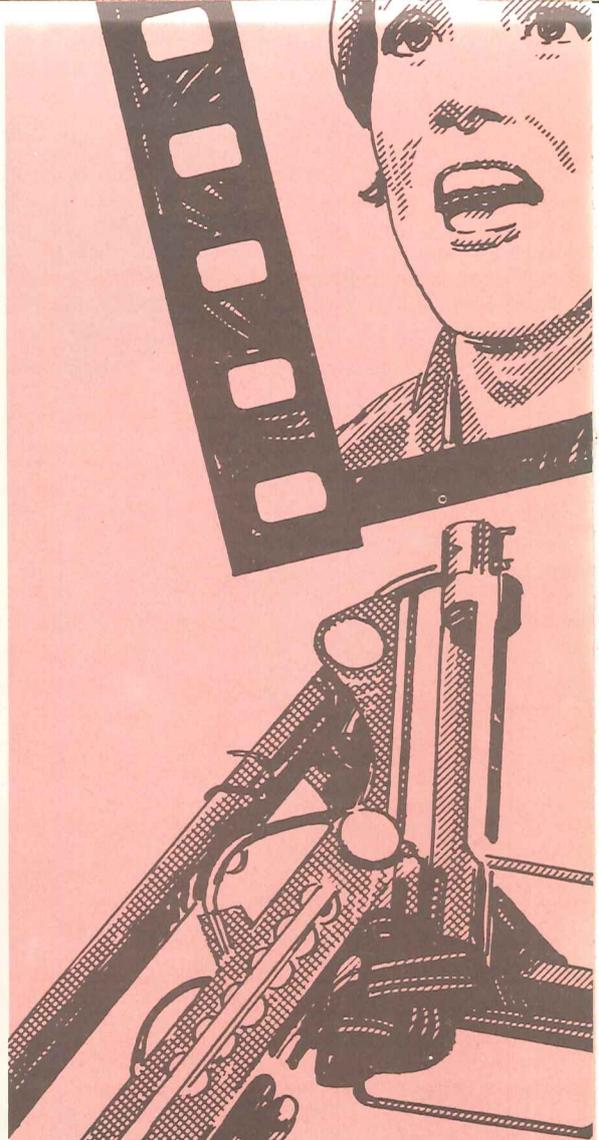
É este o Deus de que preciso. Um a quem canto louvores, levanto orações e celebro cultos. Também, Um com quem posso contar quando não há música, festa, anedotas, prazer, nem há cultos nos templos: Um que acompanha até à sepultura e toma tempo para Se identificar com corações feridos; Um que pode ordenar ao morto que torne a viver, mas que nem por isso deixa de Se enternecer com a lágrima dos vivos.

Jesus está presente na excitação dos grandes ajuntamentos que O louvam. Mas está também perto da pessoa solitária que se julga esquecida de todos. Esta certeza traz segurança ao cristão, mesmo quando tenha de enfrentar circunstâncias desagradáveis. Ele sabe que tem perto Alguém com o poder de suspender astros no espaço mas, também, a simpatia pela dor do anónimo enlutado.

Quando releio o texto de João 11, não sei de que gosto mais. Será dessa Voz que estremece as entranhas da terra e traz à vida um morto chamado Lázaro? Ou é, então, desse Jesus tão intimamente envolvido no drama dum família que chora com ela?

Não posso separá-l'Os. Ficarei com ambas as facetas: completam-se. É seguro investir a vida em Alguém que sabe originá-la com Seu poder, mas deseja também apoiá-la com Sua simpatia. □

—Jorge de Barros



SANTIDADE E HOLLYWOOD —DOIS POLOS OPOSTOS

—Eugene L. Stowe
Superintendente Geral

Hollywood, Califórnia (EUA), é conhecida como "a capital do mundo do divertimento". É o escritório central da indústria cinematográfica. Depois da televisão, não existe passatempo com maior influência no povo do que os filmes. O potencial para o bem é ilimitado.

Infelizmente, a santidade e Hollywood encontram-se tão afastados como polos opostos. A



grande evidência deste facto encontra-se nos anúncios cinematográficos dos jornais. O sexo ilícito, a perversão e a violência são cruamente postos em destaque, de acordo com o conteúdo da maioria dos filmes de Hollywood.

Por seu próprio sistema de avaliação dificilmente se encontra entre cem filmes um adequado para ser visto pela família. A grande maioria contém linguagem duvidosa ou temas completamente vedados a menores de 18 anos de idade, ou apenas podem ser vistos por jovens acompanhados dos pais.

As Escrituras esclarecem que aqueles cujos corações estão purificados e suas vidas dedicadas a

“celebrar a santidade cristã” devem opor-se inflexivelmente a tais divertimentos. I Tessalonicenses 5:22 aconselha os santificados e conservados irrepreensíveis para a vinda de Cristo, a “absterem-se de toda a espécie do mal”. Filipenses 4:8 exorta os cristãos a pensar acerca das coisas que são “honestas... justas e puras”. A maioria esmagadora dos filmes cinematográficos de Hollywood viola com certeza este padrão bíblico.

Mas, que pensar dos chamados “bons filmes” que vêm ao cinema de longe a longe? O mesmo princípio de ética cristã que determina abstinência total de bebidas

alcoólicas se aplica logicamente aos filmes. A horrenda percentagem de vidas desfeitas e lares destruídos pelo negócio do álcool exige que o povo de Deus se abstenha dele mesmo em reuniões sociais.

Igualmente, à luz do dano moral alarmante causado pelos filmes de Hollywood, a nossa responsabilidade cristã inclui “o dever de testificar contra os males sociais por formas apropriadas de influência às indústrias que suportam esse tipo de diversão. Isto incluiria evitar o cinema” (*Manual*, 33:1).

E o povo de santidade não pode permitir que Hollywood invada seus lares por intermédio do televisor. Muitos programas religiosos, educacionais e de passatempo benéfico são oferecidos por esta via. Mas a grande maioria dos programas da televisão não são morais nem informativos.

Portanto, temos “o dever cristão de aplicar ao lar os mais elevados padrões morais. Porque vivemos em dias de grande confusão moral, em que enfrentamos a possível intromissão dos males actuais nos recintos sagrados dos nossos lares através de diferentes meios como a literatura popular, rádio e televisão, é essencial que observemos as mais rígidas salvaguardas” (*Manual*, 33.1).

Os pais devem cuidadosamente controlar os programas que seus filhos vêem e confinar a visão de toda a família (incluindo os adultos) àqueles que contribuem para o enriquecimento mental, emocional e espiritual. Em alguns países a televisão aumentou a sua influência com a distribuição por cabos que agora também transmitem filmes moralmente degradantes, tais como cinemas pornográficos.

É tempo do povo de Deus resistir, firmemente e em toda a parte, à onda de Hollywood, com o que o Dr. George Coulter chama “o protesto de nossas proibições”. Algo menos que isto é indigno da nossa chamada santa. □

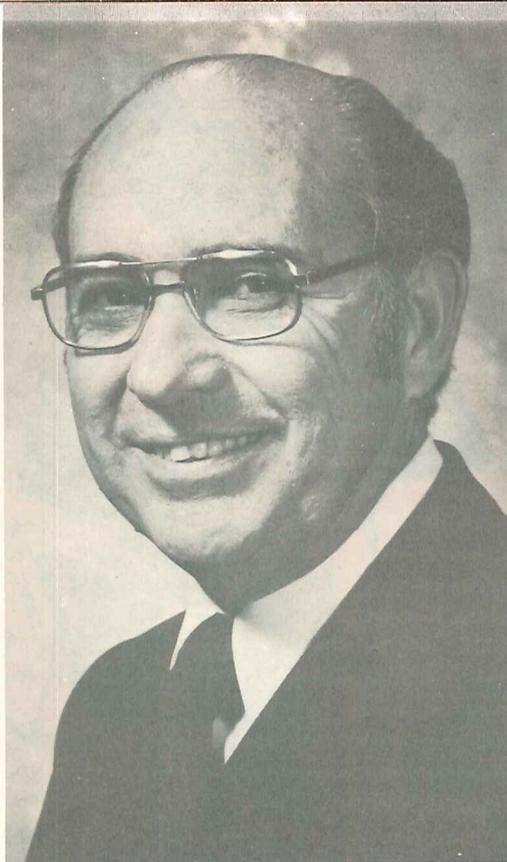
reconhecimento e apresentação

—Jorge de Barros



Após décadas de envolvimento no ministério de publicações, o Dr. H. T. Reza aceitou nova e desafiante incumbência. Como presidente do Seminário Nazareno do México, ele continuará a prestar à Causa de Jesus Cristo o serviço dedicado e inteligente que originou e desenvolveu um dos maiores centros evangélicos de publicações em todo o mundo.

Milhares de obras impressas ao longo de mais de 35 anos perpetuarão a memória e o impacto de um ministério extraordinário. Ao Dr. H. T. Reza e à Sra. D. Ernestina Reza, cujos escritos muitas vezes enriqueceram as nossas páginas, prestamos justa homenagem, orando por que Deus os ilumine e dirija no seu novo campo de trabalho.



Para substituir o Dr. H. T. Reza como director de Publicações Internacionais, foi designado o Dr. Bennett Dudney.

A experiência do novo líder é vasta e preciosa. Graduado da Faculdade Nazarena de Bethany, o Dr. Dudney frequentou estudos superiores no Instituto Bíblico Garrett e na Universidade Estadual de Ohio. Foi ministro de Educação Religiosa em duas das maiores igrejas da denominação; pastoreou várias congregações nazarenas; foi director de Treinamento para Serviço Cristão e desempenhou outros cargos de vulto na sede internacional da Igreja do Nazareno. Entre os seus escritos destacam-se os seguintes livros: *The Sunday School Superintendent*, *The Miracle at Busingen*, *The Book of Job*, *Planning for Church Growth*, *Records that Build the Sunday School* e *Meet my Saviour*.

De 1976 a 1982 o Dr. Dudney foi Presidente do Colégio Bíblico Nazareno Europeu, em Busingen, Alemanha Ocidental, posto que desempenhou com êxito até à presente nomeação para esta nova responsabilidade.

O Dr. Dudney é casado com a Sra. D. Cathryn Dudney. Têm três filhas e igual número de netos.

Ao novo Director de Publicações Internacionais damos as boas vindas, orando por que seja ricamente usado por Deus neste ministério sem fronteiras. □

*para
servir*

—Bennett Dudley

Saudações no nome de Jesus!

Esta é a primeira oportunidade de vos saudar desde que em 1 de Abril assumi a nova responsabilidade. Já conhecia alguns, de tempos passados; assim, será renovar a nossa relação. Espero no futuro poder conhecer a outros pessoalmente.

Tem sido um prazer travar conhecimento com o pessoal de Publicações Internacionais. Dedicam-se à tarefa de compartilhar o Evangelho por intermédio da página impressa. São oriundos de oito países e temos actualmente em Kansas City publicações em quatro línguas.

Cabe-me o privilégio de seguir o Dr. H. T. Reza que iniciou e desenvolveu o programa de literatura espanhola, que mais tarde veio a ser Junta Internacional de Publicações e é, agora, Publicações Internacionais da Igreja do Nazareno. Ninguém pode substituir o Dr. Reza, apenas segui-lo. Felizmente, ele pode ser consultado enquanto se prepara para a nova atribuição de Presidente do Seminário Nazareno que funcionará na cidade do México. Trata-se duma tarefa muito importante e ninguém está melhor qualificado que o Dr. Reza para principiar um seminário no coração do México. Este centro educacional treinará pastores de países de língua espanhola. Ao iniciar outro projecto pioneiro, o Dr. Reza terá o apoio de nossas orações.

Os que aqui labutam e eu comprometo-nos a continuar as publicações começadas sob a orientação do Dr. Reza. Manteremos a mesma alta qualidade.

Além das publicações existentes, esforçar-nos-emos por incrementar o desenvolvimento de materiais nas línguas em que são inadequados ou ainda não existem. Também continuaremos o programa de encorajar o desenvolvimento de escritores nos diferentes países e idiomas.

A igreja é internacional. Sê-lo-á se nós levarmos a cabo o mandato de Jesus de ir a todo o mundo e pregar o evangelho. O homem criou várias línguas e culturas que, por vezes, dão lugar a barreiras e preconceitos. A linguagem do amor transcende todas as línguas humanas e capacita-nos a ser um em Cristo. Nós somos a Sua Igreja.

Peço as vossas orações nesta nova tarefa, como meus companheiros de trabalho. Estamos aqui para servir a Cristo e à Igreja. □

O ARAUTO DA SANTIDADE

Volume XI
Número 19
1 de Outubro de 1982

BENNETT DUDNEY, Director Geral
JORGE DE BARROS, Director
ACÁCIO PEREIRA, Redactor
ROLAND MILLER, Artista
**CASA NAZARENA DE
PUBLICAÇÕES**, Administradora

O ARAUTO DA SANTIDADE (USPS 393-310) é o órgão oficial da Igreja do Nazareno nos países onde se fala o português. É publicado quinzenalmente pela Junta Internacional de Publicações da Igreja do Nazareno e impresso pela Casa Nazarena de Publicações, 2923 Troost Avenue, Kansas City, Missouri, 64109, E.U.A. Assinatura anual, U.S.\$2.00; número avulso, U.S.\$1.00. Favor dirigir toda a correspondência à Casa Nazarena de Publicações, P.O. Box 527, Kansas City, Missouri, 64141, E.U.A.

O ARAUTO DA SANTIDADE (USPS 393-310) is published semi-monthly by the International Publications Board—Portuguese—of the Church of the Nazarene. Printed at the Nazarene Publishing House, 2923 Troost Avenue, Kansas City, Missouri 64109, U.S.A. Subscription price: U.S.\$2.00 year in advance; single copy, 10 cents in American currency. Second-class postage paid at Kansas City, Missouri, 64141, U.S.A.



“com o rosto desvendado”

—Paul T. Culbertson

O capítulo 3 da II Epístola aos Coríntios é uma passagem inspiradora da Palavra de Deus. Nele, o apóstolo Paulo compara o pacto da lei com o do Espírito.

O Dr. Phineas F. Bresee, fundador da Igreja do Nazareno, pregou uma série de sermões sobre os últimos versículos deste capítulo. Entre eles, destacam-se como “chaves”: “Ora o Senhor é o Espírito; e onde está o Espírito do Senhor aí há liberdade. E todos nós com o rosto desvendado, contemplando, como por espelho, a glória do Senhor, somos transformados de glória em glória, na sua própria imagem, como pelo Senhor, o Espírito” (II Coríntios 3:17-18).

Segundo o Dr. Bresee, estes versículos descrevem o ideal da experiência da vida cristã cheia do Espírito. A profunda experiência espiritual com Deus é resultado dum olhar divino penetrante.

Ao narrar a aliança da lei (vs. 6-16), o apóstolo Paulo referiu-se à subida de Moisés ao monte Sinai pela segunda vez. Moisés desfrutou duma extraordinária e íntima comunhão com o Senhor. À exceção de Cristo, cremos que

em toda a Bíblia não há pessoa que tenha fruído de relação com Deus mais franca e íntima que Moisés. Foi o próprio Deus que descreveu essa comunhão: “Ouvi agora as minhas palavras; se entre vós houver profeta, Eu, o Senhor, em visão a ele me farei conhecer, ou em sonhos falarei com ele. Não é assim com o meu servo Moisés, que é fiel em toda a minha casa. Boca a boca falo com ele, e de vista, e não por figuras; pois ele vê a semelhança do Senhor” (Números 12:6-8).

Após 40 dias de comunhão com Deus, Moisés regressou ao acampamento israelita. A Bíblia diz que ele “não sabia que a pele do seu rosto resplandecia, depois que falara com Deus” (Êxodo 34:29). A reacção de Aarão e dos líderes de Israel foi de temor e respeito.

Com o rosto resplandecente, Moisés comunicou ao povo a mensagem de Deus. Ao terminar cobriu o rosto com um véu. Quando falava com Deus tirava-o e, diante do povo, punha-o.

Paulo apresentou a promulgação da lei como o “ministério da morte” ou da condenação (II Coríntios 3:7-11). Ele descreveu a

glória da lei em contraste com a nova aliança do Espírito Santo. “E, se o ministério da morte... veio em glória, de maneira que os filhos de Israel não podiam fitar os olhos na face de Moisés, por causa da glória do seu rosto, a qual era transitória, como não será de maior glória o ministério do Espírito? Porque, se o ministério da condenação foi glorioso, muito mais excederá em glória o ministério da Justiça.

Podemos agora compreender porque Moisés cobria o rosto com um véu! Não era para evitar que o povo se deslumbrasse. É certo que o “ministério da morte” veio com glória, mas esta era transitória.

Paulo declarou acerca da nova aliança do Espírito Santo: “Tendo, pois, tal esperança, usamos de muita ousadia no falar. E não somos como Moisés, que punha um véu sobre a sua face, para que os filhos de Israel não olhassem firmemente para o fim daquilo que era transitório” (vs. 12-13).

O Apóstolo mudou o uso do conceito do véu e sugeriu que representa a escuridão do entendimento do povo judeu com res-

peito à aceitação de Cristo como seu Messias: "Mas os seus sentidos foram endurecidos, porque, até hoje, o mesmo véu está por levantar na lição da velha aliança, o qual foi por Cristo abolido. E, até hoje, quando é lido Moisés, o véu está posto sobre o coração deles" (vs. 14-15).

Paulo terminou o capítulo com a promessa ousada de sermões transformados. Disse que "onde está o Espírito do Senhor aí há liberdade". Por isso, como crentes, com olhos desvendados e contemplando a glória do Senhor, seremos transformados (mudados) de dentro para fora, pouco a pouco, de glória em glória, na *mesma imagem*. As mudanças serão feitas pelo Espírito Santo, que é o Senhor.

Que desafio! Que perspectiva! Os que conhecem a Cristo como Salvador e Senhor podem ser pessoas transformadas.

Com a obra expiatória e consumada de Jesus na cruz, com a Palavra de Deus como guia, com o exemplo do Mestre como modelo, com o Espírito Santo como poder e com a transformação à semelhança de Cristo como alvo, anteveremos os céus abertos que nos incitam a um crescimento contínuo na graça.

Nós não precisamos de véu sobre o rosto, como Moisés, pois a glória da aliança do Espírito Santo é *incorruptível*. O Dr. Bresee disse que é esta a genuína experiência cristã dos que conhecem Jesus na Sua graça salvadora e santificadora e que oram diariamente:

*Faze-me, ó Cristo, semelhante a Ti;
Inunda o meu ser com Teu poder;
Vem em Tua glória, Pai bendito,
Tua semelhança eu quero ter.*

Alguém sugeriu que os cristãos devem desenvolver a "mordomia do rosto". Notar-se-á a nossa íntima relação com Deus pelo resplendor do rosto? Não precisamos de véu. □

três aspectos da santidade

"Mas agora, libertados do pecado, e feitos servos de Deus, tendes o vosso fruto para santificação e, por fim, a vida eterna" (Romanos 6:22).

A santidade é a experiência pela qual recebemos o Espírito de Deus e nos dispomos a fazer o melhor por Ele. Esta relação prática e a essência do encontro divino-humano no seu nível mais elevado e significativo. À luz desta verdade e quando entramos na dimensão da vida espiritual, sobressaem três aspectos da santidade:

1. **A santidade é saúde.** Mas, agora, libertados do pecado. Situa-se aqui a base escriturística deste aspecto da santidade. As palavras *santidade* e *saúde* derivam da mesma raiz. O que é a saúde para o corpo, é a santidade para a alma. Sempre que os órgãos funcionam conforme determinação de Deus, o corpo desfruta de condição saudável. Em caso contrário surge a doença.

Do mesmo modo, quando as faculdades da alma funcionam de acordo com a determinação divina, a santidade torna-se uma realidade. No entanto, reina na alma o caos e a confusão quando a invade algo impuro ou corrupto. O transtorno é causado pelo pecado. A doença está para o corpo como o pecado para a alma. O pecado enfraquece e impede o desenvolvimento da alma. Quando esta é liberta do pecado, desfruta de saúde espiritual. A libertação do pecado dá saúde, vigor e integridade espirituais.

2. **A santidade é serviço.** "Feitos servos de Deus, tendes o vosso fruto para santificação." Deus está a formar um mundo melhor. Como Seus servos, nós estamos dedicados a uma tarefa mundial. Constringe-nos o desejo de fazer bem ao maior número de pessoas. Parece-nos a Ele na medida em que a Sua santidade se manifesta em nós como fruto da "santificação". O resultado desta relação é o serviço ao próximo.

3. **A santidade é felicidade.** "Tendes o vosso fruto para santificação e, por fim, a vida eterna." Certo hino diz:

*Um celeste canto na noite terá
Em teu coração, mesmo na aflição.*

Tal cântico só será possível quando a nossa vida reflectir a qualidade e beleza que se associam na santidade. O fruto brota do nosso coração porque este se encontra cheio de amor santo, que é atraente e saboroso. Quando alguém o provar, perguntará: "Como o poderei obter? Compartilhe comigo o segredo da felicidade e do optimismo!"

Você experimentará a maior dita da sua vida quando levar alguém a participar dessa experiência de santidade. Este modo de testificar produz imensa felicidade ainda nesta vida.

Mas a nossa felicidade encerra outra dimensão: desfrutar da "vida eterna". A vida futura não consiste em embarcar para um lugar misterioso; nem se trata duma viagem rumo a trevas. Pelo contrário, deparamos com um mundo de beleza e luz. Estaremos na presença de um Deus santo, porque já usufruímos da libertação do pecado.

O céu é o lar dos santos, o paraíso dos puros, o castelo dos misericordiosos, o templo dos santificados. Só quem está de harmonia com a vontade de Deus receberá esta espécie de vida eterna. A nossa felicidade não se restringirá à entrada nesse lugar preparado para o povo de Deus.

A santidade produz felicidade inefável nesta vida e bem-estar no mundo vindouro. □

—Mendell Taylor



FORMAS DE BATISMO

—Lee Haines

Historicamente o batismo simboliza a admissão na Igreja de Jesus Cristo. Ao longo dos séculos ele tem sido administrado de diversas formas.

Remontemo-nos ao ano 130 D.C. (cerca de 100 anos após a ascensão do Senhor), na Síria. Justino, um jovem de 29 anos, convertera-se ao Cristianismo. Está agora pronto a identificar-se publicamente como seguidor de Jesus. A comunidade local considera genuína a sua conversão. Justino ora e jejua dois dias como preparação espiritual. O mesmo fazem alguns familiares e o presbítero João que lhe administrará o batismo.

Nesse país chove pouco e é difícil encontrar água corrente para a imersão. Por isso, tirou-se água do poço da povoação e encheu-se uma bacia grande. Justino ficou de pé dentro dela, enquanto João derramava por três vezes água sobre a sua cabeça, dizendo em cada uma delas: "Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo". Todos inclinaram a cabeça e a congregação orou em uníssono o Pai Nosso.

Passemos a Itália. No ano 380 D.C. deparamos com uma cena completamente diferente. Demétria, viuva de 40 anos recém-convertida do paganismo, dirigiu-se à igreja com outros candidatos ao batismo. Depois de várias semanas de intensa preparação entrou num edifício contíguo ao templo, próprio para a administração do batismo. A época da Ressurreição era a preferida, mas com a pressão do número crescente de pagãos que desejavam ser

admitidos no seio da Igreja, foi estipulado mais outro dia: Pentecostes. As longas preparações deram lugar a sete reuniões de estudo prévio que se baseavam em escrutínios (exames dos candidatos).

Ao lado de Demétria encontrava-se Cláudia, dona de casa e boa cristã, que será sua madrinha. Ela assumirá a responsabilidade da instrução religiosa da afilhada.

Reuniam-se sacerdotes, familiares e amigos dos candidatos ao batismo. No último escrutínio era incluído o consentimento de cada candidato, a renúncia a Satanás e a profissão de fé em Jesus Cristo. Em seguida a congregação cantava enquanto o ministro pronunciava o formulário da bênção da água batismal. Demétria foi a primeira a entrar na água e a recitar um simples credo trinitário como resposta às perguntas do ministro. Seguiu-se a imersão de cada candidato—a primeira vez em nome do Pai; a segunda, do Filho; a terceira, do Espírito Santo. Praticava-se a lavagem dos pés e todos os recém-batizados eram envoltos em roupas brancas.

Depois entravam no santuário, onde o bispo ungia com óleo santo em forma de cruz as frentes dos candidatos. Eram assim "confirmados". Depois a congregação cantava outra vez e os novos cristãos participavam pela primeira vez da Santa Ceia.

Séculos mais tarde, no ano 1528 o cenário na Alemanha muda novamente. Martinho Lutero e outros reformadores opuseram-se à corrupção da igreja que substituíra a autoridade das Sagradas Escrituras



pela das tradições humanas. Um casal apresentou o seu primogénito para ser batizado na igreja evangélica. Acompanhavam-no os padrinhos—costume seguido no tempo de Demétria.

O batismo de crianças não era inovação, pois remonta aos primórdios do Novo Testamento: “Logo foi batizado, ele e todos os seus” (Actos 16:33). Na Idade Média, com a admissão dos pagãos da Europa no seio da igreja, o batismo das crianças tornou-se norma. No tempo da Reforma, as crianças, tanto católicas como protestantes, eram batizadas após o nascimento, o mais cedo possível.

No caso dos evangélicos, o ministro recebia a criança à porta da igreja e aí pronunciava um exorcismo—para que os poderes satânicos saíssem do menino que estava a ser entregue a Cristo. Depois fazia-lhe na frente e no peito o sinal da cruz enquanto repetia orações escritas por Lutero.

Em seguida lia Marcos 10:13-16 (Jesus abençoa os meninos), colocava a mão sobre a cabeça do bebé e recitava o Pai Nosso. Junto à pia do batismo, os padrinhos, em nome da criança, renunciavam ao diabo e às suas obras e faziam profissão de fé. Então pediam que o menino fosse batizado e indicavam o seu nome. O batismo era administrado com tripla imersão. O ritual terminava com as vestes brancas.

Em 1703 realizou-se na Inglaterra uma cerimónia um tanto diferente. Num domingo de manhã foram apresentadas numa igreja duas crianças para

serem batizadas: João Wesley, filho do pastor, e uma pequenita chamada Jane Brown. Susana Wesley levou o filho ao colo, seguida dos padrinhos. A família Brown procedeu da mesma forma. Após a leitura bíblica, o Rev. Samuel Wesley deixou o púlpito e uniu-se ao grupo. Depois de saber que as crianças ainda não tinham sido batizadas, procedeu aos preliminares. Leu Marcos 10:13-16, fez uma exortação e orou. Os padrinhos renunciaram ao mal e manifestaram a sua fé.

O pastor orou novamente e submergiu o menino na água enquanto pronunciava a declaração trinitária. Mas à menina Jane apenas aspergiu com água enquanto pronunciava a fórmula. Esta última forma de batismo não era nova; já existia pouco antes do século X, como adaptação aceite desde o tempo da Igreja Primitiva. O método por aspersão tornou-se comum na igreja ocidental, embora na Inglaterra fosse rejeitado por algum tempo, excepto em caso de crianças de saúde débil, como fora o de Jane Brown.

Samuel Wesley terminou o cerimonial com o Pai Nosso, uma oração extemporânea e exortação final aos padrinhos.

Têm-se multiplicado diversas formas de batismo. Hoje, praticamente, cada forma que se utiliza tem o seu equivalente histórico—desde o simples ritual nas margens dum rio, até às mais complicadas cerimónias numa catedral. Mas todas procuram simbolizar a identificação da nossa vida com Jesus Cristo. □

o pão e o cálice

—Ron Wilson



“Cremos que a Ceia de Comemoração e Comunhão, instituída por nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, é essencialmente um sacramento do Novo Testamento declarativo da morte sacrificial de Jesus, e de que os crentes, pelo merecimento desta, têm vida e salvação e promessa de todas as bênçãos espirituais em Cristo. É distintivamente para aqueles que estão preparados para uma reverente apreciação do seu significado e por meio dela anunciam publicamente a morte do Senhor até que Ele venha de novo. Sendo a festa da Comunhão, somente aqueles que têm fé em Cristo e amor pelos irmãos devem ser convidados a participar dela” (Manual XIV, 20).

É na mesa do Senhor que experimentamos ao máximo o companheirismo com Cristo. Aproximamo-nos mais d’Ele quando participamos humildemente dos elementos: o pão e o cálice. Comemoramos, assim, a morte de Jesus e antecipamos a Sua segunda vinda. Nesse momento, Cristo está bem perto de nós. A Sua presença penetra até ao mais íntimo do nosso ser.

Jesus queria que os discípulos compreendessem o preço de sua salvação. Que recordassem o Senhor de forma visível; e, por isso, usou o pão e o cálice. O pão simboliza o corpo de Cristo partido por nós na cruz. A Bíblia diz que Ele foi “moído pelas nossas iniquidades” (Isaías 53:5). O cálice simboliza o sangue de Jesus derramado no Calvário. Segundo uma crença antiga, a vida reside no sangue; assim Jesus deu a vida para possibilitar a remissão do pecado (Hebreus 9:22).

A igreja celebra regularmente esta refeição memorial. A Santa Ceia e o Batismo são os dois sacramentos instituídos por Jesus Cristo. A ceia destina-se aos Seus discípulos; os que têm paz com Deus e com os homens são bem-vindos à mesa do Senhor. A ideia de “só os membros da igreja participarem” neutraliza o convite aberto de Cristo a todos que o têm como Salvador, sem barreiras denominacionais. Somos um na mesa do Senhor.

Há várias formas de celebrar a Santa Ceia. Alguns usam um pão inteiro que dividem e subdividem. Outros bebem de “uma taça comum”. Há quem coma o pão e só depois beba o cálice; e quem tome tudo ao mesmo tempo. Pode ser uma experiência santa e profunda—tanto no altar como nos bancos. Durante o serviço de Santa Ceia sentimos mais estreita comunhão uns com os outros e com o Senhor.

Não esqueçamos o duplo propósito da comunhão ou Santa Ceia: meditar na morte de Cristo e contemplar antecipadamente a Sua segunda vinda. Ao servir a Jesus e ao recordar a Sua morte, saberemos que regressará em breve. Meditemos também na realidade do arrebatamento, enquanto participamos da Ceia do Senhor.

Jesus—que nasceu no presépio de Belém, sofreu e morreu na cruz do Calvário, ressuscitou e subiu ao céu—virá outra vez em glória para receber Seus santos, quer mortos ou vivos. E todos reinarão com Ele para sempre. □

MISSÃO MUNDIAL E O ESPÍRITO SANTO

—L. Guy Nees

Para que seja o que deve ser, a tarefa de Missão Mundial deve ser uma obra do Espírito Santo. Há várias agências mundiais de beneficência movidas simplesmente pelo desejo humano de ajudar necessitados. Mas a nossa missão é uma tarefa espiritual sob a orientação do Espírito de Deus.

Recebemos da Bíblia a luz necessária para o alcance desta compreensão.

A tarefa da missão mundial da Igreja Cristã começou logo a seguir ao Pentecostes. Está registrada em Actos dos Apóstolos. Estes têm sido chamados com acerto os “Actos do Espírito Santo” na vida dos apóstolos. Depois da ascensão de Jesus e da descida do Espírito Santo no Pentecostes, os discípulos iniciaram o maior programa de missão mundial de toda a história da Igreja.

Um esboço simples do Livro de Actos seria:

A ascensão de Jesus.

A descida do Espírito Santo.

A dispersão dos apóstolos pelo mundo.

Por isso, o Livro de Actos está cheio de relatos emocionantes dos começos da obra divina de missão mundial. É, sem dúvida, o período mais fecundo da expansão e crescimento na história da Igreja. Registra a obra do Espírito Santo a chamar, dirigir, capacitar, salvar, santificar, curar e unir.

A tarefa da missão mundial foi sempre resultado da acção do Espírito Santo no mundo. E assim deve continuar a ser. O livro não termina com os actos dos apóstolos. Não tem conclusão formal. O

último versículo do capítulo 28 parece deixar o leitor com a impressão de que se segue outro capítulo—e assim é. Continuou na geração seguinte e, sucessivamente, até nossos dias.

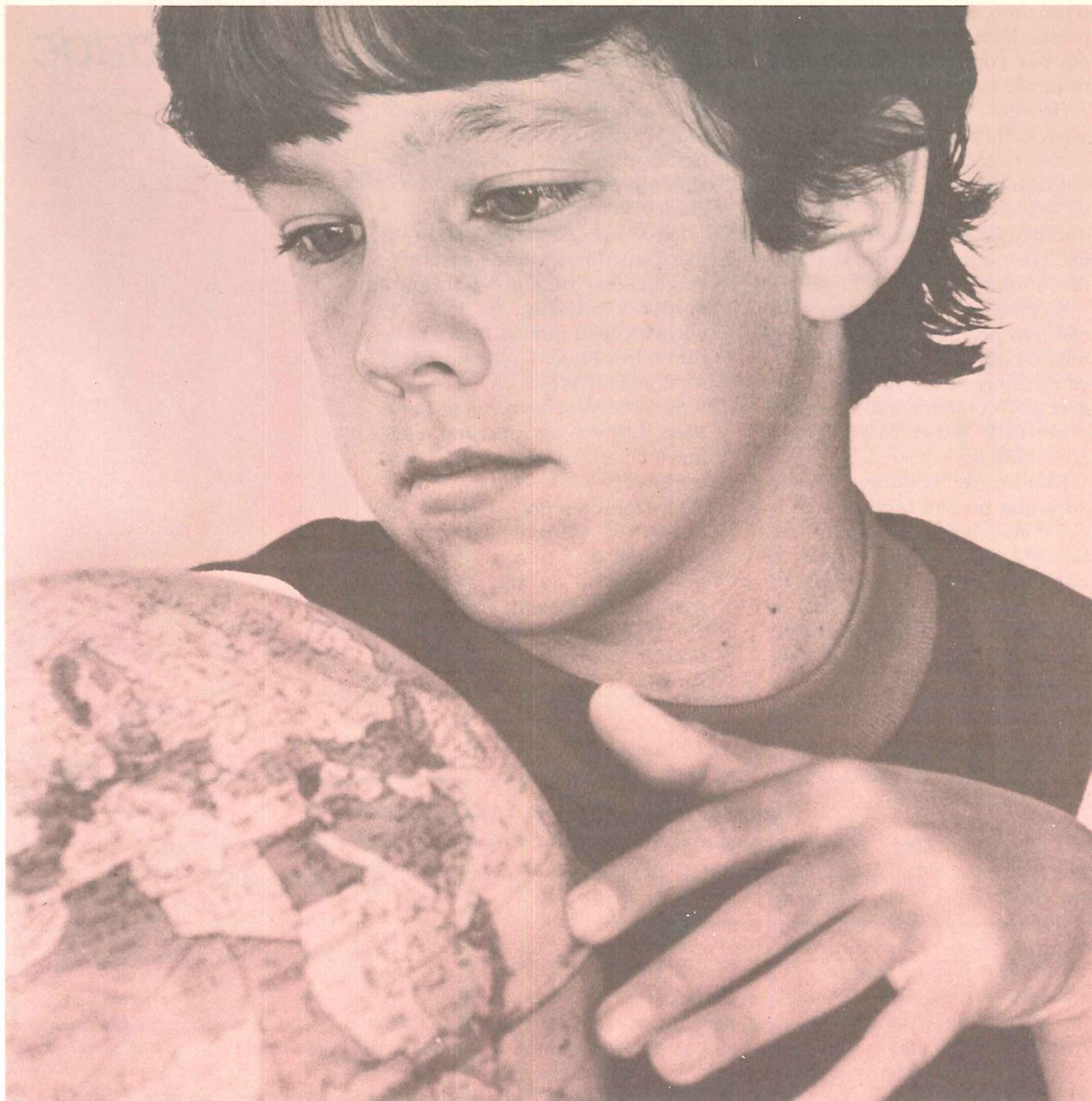
O Espírito Santo tem estado activo no nosso programa de Missão Mundial. Desde Schmelzenbach até Sidney Knox, incluindo a presente geração de missionários, o Espírito Santo tem estado

conosco. Você tem ouvido e lido acerca de relatórios extraordinários e eles continuam a suceder-se.

Neste quinquênio, a nossa Igreja procura que a santidade cristã avance. Uma parte essencial da mensagem da santidade é a plenitude do Espírito Santo na vida dos seguidores de Jesus. Todos os nazarenos devemos orar por uma nova brisa refrescante do Espírito

Santo nas diferentes áreas da vida da nossa Igreja.

Se isso acontecer—na nossa vida, nas nossas igrejas, nos nossos leigos, nos nossos ministros, nos nossos missionários, nos nossos professores universitários e estudantes, nos nossos líderes da igreja, em cada país, em todo o mundo—então surgirá entre nós um novo dia de obediência à Grande Comissão de Cristo. □



A Epístola aos Hebreus (12:14) diz: "Segui a paz com todos e a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor".

Agora é o tempo adequado para as pessoas aceitarem a salvação de Jesus Cristo. Aquelas que já pertencem à família de Deus devem buscar a plenitude do Espírito para uma vida de santidade e paz com o próximo.

A vida de santidade demonstra-se através de boas relações com o próximo. O versículo citado expressa bem este conceito. Viver em paz com todos os homens é requisito essencial da santidade.

Hebreus 12:15 menciona um aspecto da paz individual interior e das relações mútuas: "Tendo cuidado de que ninguém se prive da graça de Deus, e de que nenhuma raiz de amargura, brotando, vos perturbe, e por ela muitos se contaminem".

As raízes de amargura no coração não permitem que desfrutemos da paz interior nem da graça de Deus. Se as deixarmos vingar, elas contaminarão os outros e em nada beneficiarão as relações mútuas.

Para ilustrar as raízes de amargura que podem brotar do coração e invadir por completo a nossa vida, observemos como se desenvolvem as raízes das árvores e plantas. Consideremos como têm a sua origem numa semente tão pequena. Aí está o seu começo.

No mundo natural não pode haver raiz sem semente. É desta que brota a planta ou a árvore. No mundo espiritual, a semente que produz as raízes de amargura é o pecado.

Os teólogos costumam chamá-lo *pecado inato*, pois todo o ser humano o herda por natureza. É ele o causador de todos os actos que praticamos contra Deus, contra o próximo e contra nós próprios. Para vivermos em santidade, essa semente (pecado) tem de ser destruída.

As raízes de amargura que nascem da semente do pecado impedem que vivamos em paz espiritual. Fazem que sintamos constantemente dentro de nós o crescimento de algo cujo fruto desagradado.

De acordo com a exortação bíblica, é possível privar-nos da graça de Deus. Até mesmo chegar a perder a salvação da alma. Se consentirmos que as raízes cresçam e frutifiquem, outros podem ser contaminados.

Se você deseja viver em santidade, comece por procurar a paz interior. Só assim terá paz com todos.

Ó Deus, escuta a oração de quantos já aceitaram Jesus como Salvador, mas que ainda lutam por arrancar do seu coração a semente do pecado. Envia-lhes o Teu Espírito para que sejam purificados e vivam em santidade. Amém. □

paz interior, base da vida de santidade

—José Cardona



Deseja receber **O ARAUTO DA SANTIDADE?**

Faça HOJE a sua assinatura! Se é assinante e mudou de residência, dê-nos o

Endereço antigo

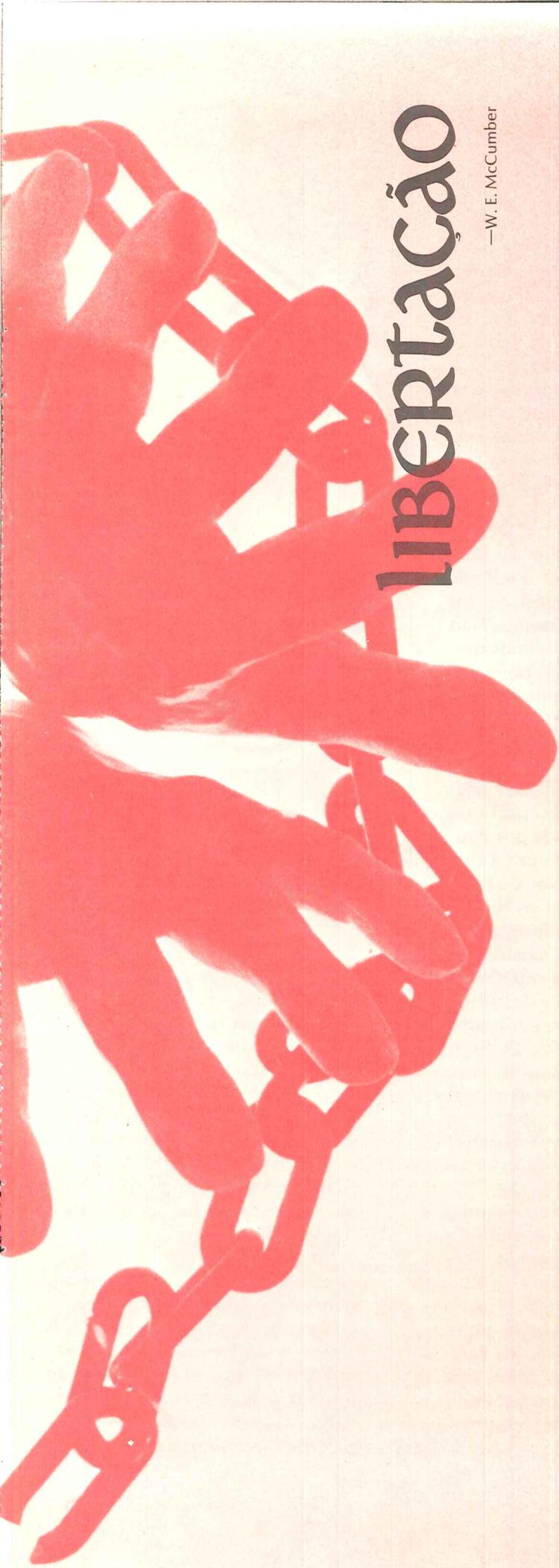
NOVO ENDEREÇO

Nome _____

Endereço _____

Recorte e envie este cupão à CASA NAZARENA DE PUBLICAÇÕES. Nos E.U.A., P.O. Box 527, Kansas City, Missouri, 64141. No BRASIL, C.P. 1008, 13.100—Campinas, SP. Em CABO VERDE, C.P. 60, Mindelo, São Vicente. Em PORTUGAL, R. Castilho, 209, 5º E., 1000—Lisboa.

Faça uma assinatura, enviando a importância de US\$2.00 para qualquer dos endereços acima indicados.



LIBERTAÇÃO

—W. E. McCumber

Aproveito esta página para dar o meu testemunho. Antes de ser pregador e redactor, já dava o meu testemunho. Embora continue a ser pregador e redactor, não deixarei de ser uma testemunha activa. Testificar tem tanta prioridade que justifica o uso desta página.

Pela graça de Deus estou livre do pecado. A minha experiência não foi dramática, pois meus pecados não eram extraordinários. Pior que os pecados da carne—e eles foram bastante maus—foram os do espírito. Como Paulo que nunca esqueceu ter perseguido a igreja, eu não posso esquecer que neguei Deus, escarnei da Bíblia e ridicularizei tudo o que o meu coração tem agora como sagrado.

Deus trouxe-me ao arrependimento através da Sua Palavra expressa numa bela vida cristã. Os meus pecados foram perdoados e a minha vida mudou de rumo. Fui batizado na fé de Jesus e aceitei no seio da igreja. Nessa comunhão a minha vida tem sido feliz e, em certa medida, útil.

Pouco depois de aceitar Cristo, fui cheio com o Espírito Santo. O meu coração começou a buscar santidade e poder—para viver consistentemente e testificar com eficácia. Porém, algo dentro de mim se opunha à vontade de Deus que me enfraquecia e fazia hesitar perante a tentação. Precisava de pureza e poder interiores. Ouvi a mensagem da santidade e o povo de Deus orou por mim. No altar de oração experimentei o Getsemani e Pentecostes pessoais. Quando a minha vontade se entregou por completo ao Senhor, invadiu-me um sentimento de purificação e fortaleza interiores. A mudança profunda tem persistido com o crescimento na graça e no conhecimento de Cristo.

Pela graça de Deus também fui livre da doença. A maioria das vezes tenho sido curado por meios “habituais”. Deus tem operado através de Seus servos, os médicos; e de Seus instrumentos de medicina e terapêutica. Duas vezes fui curado por meios “extraordinários”—imediate e directamente pelo poder do Senhor. Deus curou-me duma úlcera do estômago e duma “condição cancerosa” da mente, por meio de oração e fé.

Pela graça de Deus fui livre do temor. Viver obcecado pelo medo é pior que viver doente, embora não tão mau como viver em pecado. Por razões desconhecidas, eu receava muito as opiniões alheias, particularmente quanto ao que pensavam de mim. Também sentia medo de fracassar, pelo menos aos olhos dos outros. Ainda respeito as opiniões das outras pessoas, mas não tenho receio delas. Admiro o êxito dos outros, mas não o invejo. Se consigo manter-me fiel ao que creio ser a vontade de Deus para a minha vida, o que outros pensem a meu respeito não importa. O Senhor é o meu Juiz. Se outros procuram sê-lo, o problema é deles, não meu. Eu louvo a Deus pela libertação de temores doentios e infundados. □

um em Cristo

—Jan S. Lanham

Quando o apóstolo Paulo escreveu à igreja de Corinto, preocupavam-no sobremaneira as divisões, facções e discórdias no Corpo de Cristo. Ele sabia que a energia despendida na identificação e manutenção desses conflitos dissipava a dinâmica da verdadeira missão da igreja—proclamar a mensagem de Cristo na cruz. Mensagem tão importante que não podia ser impedida por dissensões surgidas na comunidade crente.

As divisões comunitárias são um problema antigo. E, embora não nos encontremos divididos quanto às mesmas questões que Paulo enfrentou, ainda devemos considerar a presença de certas divisões no seio da igreja actual. Existem aqueles que gostam de identificar e criticar os que pertencem a um grupo ou a outro, os que são mais estimados por suas qualidades ou podem resolver melhor determinados problemas.

Permitiremos nós que as divisões da sociedade penetrem no círculo da igreja? Separaremos os homens das mulheres, os ricos dos pobres, os jovens dos velhos?

Para mim, Gálatas 3:26-28 é um ponto culminante: "Todos sois filhos de Deus, pela fé em Cristo Jesus. Porque, todos quantos fostes batizados em Cristo, já vos revestistes de Cristo. Nisto não há judeu nem grego; não há servo nem livre; não há masculino nem feminino; porque todos vós sois um, em Cristo Jesus".

Que declaração! *Todos somos um em Cristo*. Quantas vezes temos permitido diferenças que criam facções e nos roubam a unidade e devoção sincera a Cristo?

Paulo também falou deste problema na Epístola aos Efésios: "Mas agora, em Cristo Jesus, vós,

que antes estáveis longe, já pelo sangue de Cristo chegastes perto. Porque ele é a nossa paz, o qual de ambos os povos fez um; e, derrubando a parede de separação que estava no meio, na sua carne, desfez a inimizade, isto é, a lei dos mandamentos, que consistia em ordenanças, para criar, em si mesmo, dos dois, um novo homem, fazendo a paz" (Efésios 2: 13-15).

A nossa comunhão com Deus é possível por intermédio do sangue de Cristo, não por qualquer coisa que façamos, posição ou grupo a que pertençamos. Não devem existir grupos íntimos que se mostrem superiores, nem outros que se sintam rejeitados. Todos somos um em Cristo que, por Sua iniciativa, nos uniu. E, por não podermos adequadamente amar e aceitar outros por nossas próprias forças, Cristo nos capacitou.

A parede mencionada por Paulo na passagem bíblica era a que separava o pátio interior do templo—onde se reuniam os judeus—do exterior, destinado aos gentios. "Na Sua carne", Cristo destruiu as barreiras que separavam os judeus dos gentios e derrubou os muros que ainda hoje separam o Seu povo. Nós constituímos parte importante desse processo. Sejamos sensíveis à orientação do Espírito Santo. Examinemos as nossas próprias vidas. Estaremos nós a construir muros ou a derrubá-los?

A mensagem de Cristo é demasiado importante para permitir divisões que prejudiquem o nosso ministério. Quando há unidade no Corpo de Cristo, a nossa atenção pode centrar-se completamente na proclamação da Palavra. "Sigamos, pois, as coisas que servem para a paz e para a edificação de uns para com os outros" (Romanos 14:19). □



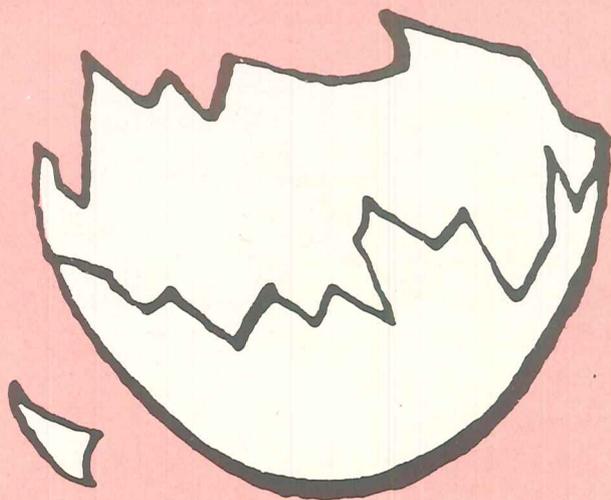
—David L. Schooler

O grande número de recém-convertidos do ano passado constitui uma bênção para a nossa igreja. É maravilhoso. Trata-se da nossa missão. No entanto, o êxito no mais nome de todos os esforços também cria problemas. Que faremos com os "recém-nascidos" em Cristo? A experiência ensina que se não fizermos algo por eles, acabaremos por perder a maioria.

Na busca de uma solução, identifiquemo-nos até certo ponto com o apóstolo Pedro no Pentecostes. Nesse dia ele pregou sob a unção do Espírito Santo e três mil almas se converteram e se uniram à igreja. Foi um dia de êxito. Três mil salvos! Três mil recém-convertidos a Cristo!



que faremos agora?



Foi aqui que principiou o problema. Que faria você com três mil novos crentes de diferentes procedências, níveis económicos, línguas e capacidades intelectuais? Diante dos convertidos, o Apóstolo bem podia ler nos seus rostos a pergunta: "Que faremos?" (Actos 2:37). Contemple você o quadro: seis mil olhos cheios de esperança e fixos no Apóstolo depois de terem feito a sua decisão de seguir a Cristo.

A pergunta ainda hoje é premente. Que respondeu Pedro a essas pessoas ansiosas por mais instrução? A resposta encontra-se em Actos 2:42. O programa apresentado por Pedro e os demais apóstolos foi efectivo. Tam-

bém o será para nós. Em que consiste?

1. Perseveraram na doutrina dos apóstolos. Foi ministrado aos recém-convertidos o ensino da Palavra de Deus. Esta era parte essencial. "Desejai afectuosamente, como meninos novamente nascidos, o leite racional, não falsificado, para que, por ele, vades crescendo" (I Pedro 2:2). Para nós, seria bom método organizar uma classe para os novos convertidos. Ensino e pregação expositiva sempre foram úteis. Não há atalhos para a maturidade cristã. Ela adquire-se pelo conhecimento da Palavra de Deus. A parábola do Semeador (Mateus 13) recorda que quem não possuir raízes profundas acaba de secar.

2. Criaram oportunidades de companheirismo. Os apóstolos ensinaram-lhes que constituíam parte dum corpo em que cada um tinha a cumprir uma função específica. O problema actual de muitas igrejas liga-se ao facto de que todo o trabalho é feito por um grupo selecto de crentes. Revela isto uma atitude que prejudica especialmente os novos convertidos. Devemos encorajá-los a entrar no companheirismo da igreja e a descobrir seu lugar e tarefa especial. A amizade dos irmãos na fé deve ser íntima, afectuosa, sincera e imparcial (Tiago 2:1-4).

3. Começaram a celebrar a Santa Ceia (no partir do pão). Este sacramento é importante e todas as igrejas o devem praticar. Os apóstolos aconselharam os recém-convertidos não só a participar, mas também a ser obedientes. O próprio Jesus ordenou a prática deste sacramento.

Os três mil convertidos no Pentecostes desconheciam a disciplina cristã. Foram os apóstolos que lhes ensinaram a obediência à Palavra de Deus e a andar em conformidade com a luz recebida.

4. Aprenderam a orar (e nas orações). Todos sabemos quanto vale a oração. A vitória ou fracasso dos recém-convertidos dependerá em grande parte de como eles aprenderem a orar.

Evitemos abandonar ou condenar os novos por falta de cultura ou disciplina. Procedamos como Pedro e seus companheiros em Actos 2:41—"Foram batizados os que de bom grado receberam a sua palavra". Aprenderam a obedecer e a orar.

O programa de quatro pontos que acabamos de apresentar não se concretiza facilmente. No entanto, é essencial para conservar na igreja os convertidos. Além disso, produz regozijo que ultrapassa todas as palavras.

Edifiquemos os recém-nascidos na fé até serem varões perfeitos e alcançarem "a medida da estatura completa de Cristo" (Efésios 4:13). □

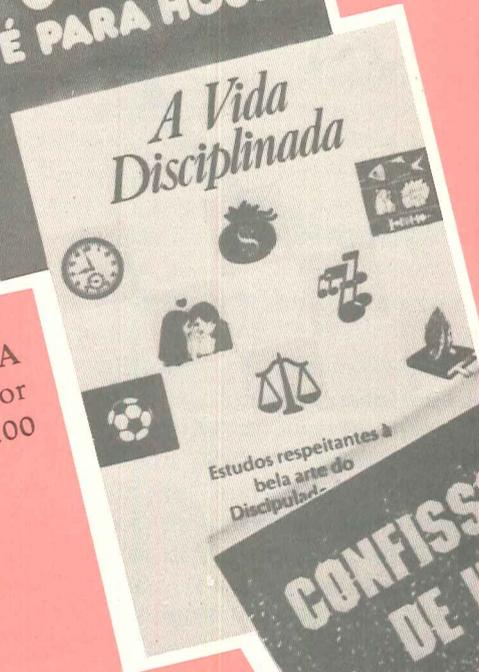
leitura que enriquece



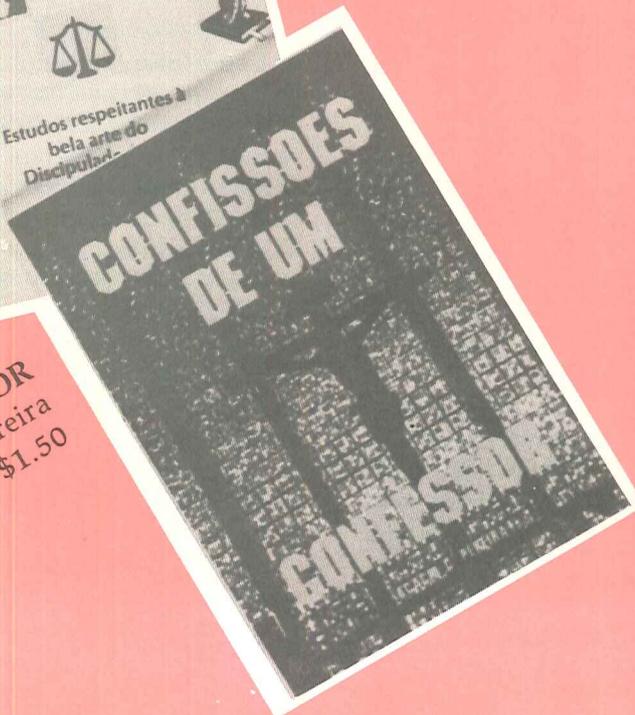
A PERFEIÇÃO CRISTÃ
Por João Wesley
Preço U.S. \$2.00



O DÍZIMO É PARA HOJE
Por Earl C. Wolf
Preço U.S. \$1.00



A VIDA DISCIPLINADA
Por Richard Shelley Taylor
Preço U.S. \$2.00



CONFISSÕES DE UM CONFESSOR
Por Acácio C. Pereira
Preço U.S. \$1.50

CASA NAZARENA
DE PUBLICAÇÕES
Box 527
Kansas City,
Missouri 64141
EUA